



2231 - Trabalho Completo - XII ANPEd-SUL (2018)
Eixo Temático 06 - Formação de Professores

O pedagogo e o professor iniciante: suas dificuldades na modalidade de Educação Profissional
Adriane Bayer Tozetto Beatriz - UEPG - Universidade Estadual de Ponta Grossa - Campus Uvarana
Susana Soares Tozetto - UEPG - Universidade Estadual de Ponta Grossa - Campus Uvarana

O PEDAGOGO E O PROFESSOR INICIANTE: SUAS DIFICULDADES NA MODALIDADE DE EDUCAÇÃO PROFISSIONAL

Resumo

A pesquisa discute as dificuldades do pedagogo com o professor iniciante, na modalidade de Educação Profissional, da rede estadual de ensino do Paraná, no município de Ponta Grossa. Para o desenvolvimento do estudo, elencamos a problemática: Quais as dificuldades encontradas pelo pedagogo e pelos professores iniciantes na modalidade de Educação Profissional em relação ao trabalho pedagógico? O objetivo da pesquisa foi identificar as dificuldades do pedagogo no trabalho pedagógico com o professor iniciante em relação a prática no curso profissionalizante e discutir as possibilidades de mediação do pedagogo junto a esses docentes. Realizamos discussões com base em Sacristán (1995; 1999), Almeida e Placco (2012; 2016), Huberman (1995), Tardif (2002) e Saviani (1989; 2002). A pesquisa foi realizada com dez pedagogos que atuam na modalidade de Educação Profissional na rede estadual paranaense, por meio de entrevista semiestruturada. Como resultados, verificamos que a prática pedagógica que cada professor iniciante assume tem como princípio os saberes docentes construídos no decorrer da sua formação acadêmica e da sua experiência de vida e o pedagogo possui o papel de mediador.

O PEDAGOGO E O PROFESSOR INICIANTE: SUAS DIFICULDADES NA MODALIDADE DE EDUCAÇÃO PROFISSIONAL

Resumo

A pesquisa discute as dificuldades do pedagogo com o professor iniciante, na modalidade de Educação Profissional, da rede estadual de ensino do Paraná, no município de Ponta Grossa. Para o desenvolvimento do estudo, elencamos a problemática: Quais as dificuldades encontradas pelo pedagogo e pelos professores iniciantes na modalidade de Educação Profissional em relação ao trabalho pedagógico? O objetivo da pesquisa foi identificar as dificuldades do pedagogo no trabalho pedagógico com o professor iniciante em relação a prática no curso profissionalizante e discutir as possibilidades de mediação do pedagogo junto a esses docentes. Realizamos discussões com base em Sacristán (1995; 1999), Almeida e Placco (2012; 2016), Huberman (1995), Tardif (2002) e Saviani (1989; 2002). A pesquisa foi realizada com dez pedagogos que atuam na modalidade de Educação Profissional na rede estadual paranaense, por meio de entrevista semiestruturada. Como resultados, verificamos que a prática pedagógica que cada professor iniciante assume tem como princípio os saberes docentes construídos no decorrer da sua formação acadêmica e da sua experiência de vida e o pedagogo possui o papel de mediador.

Palavras-chave: Pedagogo. Professores iniciantes. Educação Profissional.

Considerações iniciais

Após a aprovação da LDB 9.394/96 (BRASIL, 1996), a formação de professores passou a ser mais valorizada. Em seu Art. 62, a formação do professor para a Educação Infantil e as séries iniciais do Ensino Fundamental passa a ser preferencialmente em nível superior. Os cursos normais de nível médio passam a fazer parte de uma formação mínima para a docência tanto na Educação Infantil como para os anos iniciais do Ensino Fundamental. Já no Art. 64, faz-se referência à formação de profissionais de educação para a: administração, planejamento, inspeção, supervisão e a orientação educacional para a Educação Básica que deverá ser feita nos cursos de graduação em Pedagogia.

Diante dos desafios educacionais postos na sociedade atual, o pedagogo precisa estar atento às necessidades da escola e em constante atualização, para auxiliar no seu trabalho em relação ao professor. Para um trabalho colaborativo, professor e pedagogo, é necessário diagnosticar, analisar, refletir e redirecionar a prática, a partir dos desafios e necessidades apresentadas, possibilitando ao professor iniciante resolver os conflitos existentes, tendo como fundamento seus saberes pedagógicos. Tardif (2002, p. 37) faz uma importante ressalva que: "a prática docente não é apenas um objeto de saber das ciências da educação, ela é também uma atividade que mobiliza diversos saberes que podem ser chamados de pedagógicos". Portanto, é de suma importância, no processo educativo, a relação conjunta do professor iniciante e do pedagogo.

Historicamente o pedagogo tem a função de ensinar, orientar, organizar, supervisionar e administrar o processo educativo. Pensando em termos atuais, diante da democratização do saber e do ensino, o pedagogo passa a ser o mediador e o articulador das relações interpessoais e do processo de ensino e de aprendizagem no contexto escolar de maneira comprometida e com vistas à uma educação que priorize a emancipação humana.

O pedagogo e os professores iniciantes na modalidade de Educação Profissional no Estado do Paraná

No Paraná as mudanças em relação à nomenclatura e as funções do pedagogo e as referentes habilitações de supervisão e orientação foram implantadas a partir da Lei Complementar nº 103/2004 (PARANÁ, 2004), que extinguiu o cargo de Orientação Educacional e de Supervisão Escolar e criou o cargo de Professor Pedagogo, como uma tentativa de eliminar o trabalho fragmentado na escola pública paranaense. Pois, antes da lei complementar entrar em vigor, o Orientador Educacional era responsável pelo atendimento aos alunos e às famílias que apresentassem problemas familiares que poderiam afetar o processo de ensino-aprendizagem do aluno, bem como, dificuldades de aprendizagem dos alunos, e o Supervisor Escolar prestava assessoria pedagógica aos professores, providenciando encaminhamentos relacionados ao planejamento, formação continuada, entre outras atividades que implicassem supervisionar o trabalho docente.

O pedagogo possui como base de sua formação, a docência, porém é um profissional com atribuições distintas e que transita pelos diferentes espaços da escola. Para tanto, o pedagogo precisa ter conhecimento aprofundado do fazer docente, afim de que possa mediar e orientar o trabalho do professor. Segundo Tardif (2002) a prática docente integra diferentes saberes com os quais o mesmo mantém relações. Os saberes oriundos da formação inicial, continuada e da experiência do professor é que possibilitam ao pedagogo ser o mediador no ato educativo. Sendo assim, primando por um processo de ensino e aprendizagem concreto e coerente com a realidade em que a escola está inserida. Frente a esse contexto, o pedagogo deve ter uma atenção especial e individualizada com o professor iniciante.

Os saberes são reestruturados continuamente e possuem características próprias de cada docente, originárias da sua vivência enquanto aluno, da sua formação inicial, como professor atuante e dos momentos de formação continuada. É nesse sentido que o professor precisa constantemente repensar o seu agir, refletir sobre a sua prática à medida que surgem os desafios na sua atuação em sala de aula. Sendo assim, há uma dinâmica que envolve o aperfeiçoamento das ações docentes a partir da reflexão e da nova prática que passa a ser modificada e retratada em um novo saber pedagógico. E nesse contexto, está o professor iniciante que necessita de atenção e acompanhamento. Assim, o pedagogo assume um papel importante de mediador da prática pedagógica junto ao professor.

Diante da apreensão da realidade feita em sala de aula pelo docente, da metodologia de ação utilizada para a explanação do conteúdo e o conhecimento do contexto social da turma, o pedagogo será o mediador de situações conflituosas e irá auxiliar na reflexão crítica sobre a prática pedagógica. A prática pedagógica não pode ser estagnada, pelo contrário, precisa ser dinâmica, viva, ativa, em que se constrói, compartilha, reflete e transforma o conhecimento científico da sala de aula em algo atraente e significativo para o aluno.

Frente a esse contexto, faz-se necessário discutir e acompanhar a prática pedagógica do professor iniciante, diante do atual cenário de transformação que a sociedade está vivenciando e frente às transições culturais, políticas, econômicas e sociais para que haja a efetivação da construção do conhecimento. O professor iniciante precisa ter o domínio do conhecimento científico de sua área, mas também, necessita saber ensinar através de técnicas didático-metodológicas, em que o

pedagogo poderá subsidiá-lo. O trabalho do pedagogo será através da formação continuada que acontece no dia a dia da escola, nos momentos de hora atividade, nas reuniões, planejamentos e formações previstas em calendário escolar.

A escola é a instituição social com a finalidade educativa, pois tem como função a socialização dos conhecimentos. Para tanto, necessita de profissionais habilitados, qualificados e engajados com o processo ensino e aprendizagem. Cada escola traz em seu contexto a sua história, os seus sonhos, seus desejos, suas crenças, seus valores, suas concepções e, a partir disso, os princípios que orientam a ação de ensinar e formar os alunos. Revela suas formas de organização, planejamento, avaliação, suas articulações, suas dificuldades, seus problemas e a forma de superá-los coletivamente.

O ato de ensinar enquanto uma prática social complexa e permeada de valores e conflitos, faz com que a docência seja exercida de forma reflexiva e crítica, diante das exigências da sociedade contemporânea. Para exercer o trabalho docente se requer saberes e conhecimentos científicos, pedagógicos, experiência e criatividade frente às situações de ensino que são incertas, ambíguas, conflitivas.

Os professores contribuem com a melhoria da qualidade social da escolarização à medida que ampliam sua consciência sobre a prática pedagógica, intervindo de maneira crítica sobre a realidade. Pois, a atividade profissional docente é constituída de intencionalidade, transformando o saber científico em saber formativo.

De acordo com Sacristán (1999) é preciso levar em consideração os significados do que é prática, do que é teoria, do que é a relação entre ambas, quais os contextos e agentes envolvidos. A prática educativa é uma ação orientada, em que o sujeito tem um papel fundamental como agente, pois agir é tomar iniciativa, pôr algo em movimento, passar do projeto a realização. E para tanto, a prática pedagógica do professor iniciante, entendida como uma práxis, envolve a dialética entre o conhecimento e a ação, objetivando um fim. Poderia ser expressa como uma ação – intenção – mudança. Sendo assim, a intencionalidade é condição necessária para a ação e compreender esse elemento se faz fundamental para qualquer educador, principalmente para o iniciante na docência.

Sendo assim, faz-se necessário um processo crítico reflexivo que deve passar pela etapa de análise da realidade educacional, tendo como suporte o uso de diferentes metodologias, garantindo uma reflexão constante das ações. Não existe uma única metodologia que atenda à heterogeneidade de cada sala de aula e a necessidade de cada professor iniciante.

Para uma ação educativa ser dotada de sentido e de significado é preciso que essa ação tenha um propósito, um fim. Faz-se necessário que o pedagogo compreenda a prática dos professores iniciantes, deixando de lado a perspectiva racionalista e positivista, para então articular as três categorias envolvidas: conhecimento, forma de fazer e as intenções. Quando o professor, seja ele iniciante ou não, toma consciência sobre a sua prática, passa a realizar uma prática educativa mais consistente e significativa.

O pedagogo precisa estar atento e próximo aos professores, principalmente, dos iniciantes na modalidade de Educação Profissional, para que juntos possam refletir sobre a ação docente através de um estudo permanente que se realiza nos momentos de formação continuada tanto para o pedagogo como para o professor iniciante. Os professores iniciantes na modalidade de Educação Profissional, muitas vezes não possuem formação pedagógica, necessitando de um atendimento contínuo e individualizado.

O termo professor iniciante ou, principiante, como é usado por Garcia (1999) faz referência à iniciação ao ensino, sendo o período de tempo que compreende os primeiros anos, nos quais os professores fazem a transição de estudantes para professores. De acordo com Garcia (1999, p. 113) "Neste primeiro ano, os professores são principiantes, e, em muitos casos, no segundo e terceiros anos podem estar ainda a lutar para estabelecer a sua própria identidade pessoal e profissional." Dessa forma, justifica-se o acompanhamento e a mediação do pedagogo.

É necessário estabelecer a parceria do pedagogo com os professores iniciantes, em prol do processo de ensino e aprendizagem significativo. A atuação do pedagogo na instituição de ensino junto aos professores iniciantes acontece quando prestam assessoramento didático-pedagógico a esses docentes, coordenam reuniões e grupos de estudo visando promover a formação continuada a fim de favorecer uma ação docente mais crítica e consciente. Na modalidade de Educação Profissional a mediação do pedagogo com o professor iniciante, se torna ainda mais importante pela falta de formação pedagógica dos professores iniciantes, e por se tratar de um momento importante para a construção da identidade profissional do professor.

O perfil da formação de docentes deve ser pautada na concepção de educação como processo construtivo e permanente, o que implica na formação de um professor crítico e criativo, visto como um intelectual transformador. Aquele que valoriza a construção do conhecimento, utiliza o diálogo em sua prática e respeita a cultura e a subjetividade de cada aluno. Na construção identitária, como docente articula teoria e prática, a partir da ação-reflexão- ação transformadora em sua prática pedagógica, considerando a relevância dos conteúdos básicos, articulados com a realidade social e cultural, voltados à formação do sujeito que pensa e age e criticamente. Assim, o professor constitui sua profissionalidade frente a realidade da escola.

A aprendizagem por observação não é pré-requisito e nem fundamento para o exercício do trabalho docente. Os professores iniciantes apresentam dificuldades no início da carreira docente em relação ao campo teórico-prático, a disciplina, a metodologia de trabalho, ao processo ensino e aprendizagem significativo e envolvente e que atenda às necessidades e interesses dos alunos. A docência é a única das profissões em que os futuros profissionais, professores, são expostos a um longo período de observação não dirigida em relação às funções que irão desempenhar futuramente, pois estão inseridos no ambiente escolar desde pequenos. Para tanto, a identidade docente vai se configurando de forma lenta e pouco reflexiva através de uma aprendizagem informal e mediante a observação na escola na condição de alunos.

A inserção dos professores na docência é o período que abrange os primeiros anos, nos quais os professores iniciantes realizam a transição de estudantes para docentes. Ou seja, deixam de ser apenas aprendentes para se tornarem formadores. É um período de angústias, tensões, conflitos e aprendizagens intensivas, em contextos desconhecidos e inexplorados, nos quais os professores em início de carreira irão adquirir conhecimento profissional, além de aliar o equilíbrio pessoal frente às situações novas e inesperadas.

É na reflexão sobre a prática pedagógica que os professores iniciantes nos primeiros anos de trabalho docente vão adquirindo novos saberes, fazendo a articulação entre teoria e prática e aperfeiçoando a cada dia a sua prática pedagógica. O início na carreira docente é marcado por anos de sobrevivência, descoberta e de aprendizagem intensa. Há autores que dedicaram seus estudos acerca das fases da carreira docente, como Huberman (1995) que menciona sete fases na carreira docente (entrada na carreira, fase de estabilização, fase de diversificação, fase da contestação, fase de serenidade e de distanciamento afetivo, fase de conservadorismo e de queixas e a fase de desinvestimento), segundo Cunha (2015).

Dificuldades no trabalho pedagógico do pedagogo e dos professores iniciantes na modalidade de Educação Profissional

O quadro abaixo apresenta as dificuldades dos pedagogos e dos professores iniciantes, na modalidade de Educação Profissional em relação ao trabalho pedagógico, a partir da pesquisa realizada com os dez pedagogos que atuam na modalidade de Educação Profissional na rede estadual paranaense, no município de Ponta Grossa. Por meio de entrevista semiestruturada realizada no mês de dezembro de 2017, surgiram as dificuldades elencadas e subcategorias em relação ao trabalho pedagógico com os professores iniciantes.

Quadro- Dificuldades no trabalho pedagógico do pedagogo com os professores iniciantes

Categoria	Subcategoria
Dificuldades do pedagogo e do professor iniciante na modalidade de Educação Profissional	1. Conhecimento técnico x pedagógico
	2. Perfil do professor iniciante na modalidade de Educação Profissional
	3. Rotatividade de profissionais e a descontinuidade do trabalho

Fonte: Organizado pela autora.

Dificuldades do Pedagogo com o Professor Iniciante na Modalidade de Educação Profissional

O pedagogo que atua na modalidade de Educação Profissional convive com incertezas e indiferenças advindas do contexto de trabalho, diante da hierarquia dos conhecimentos técnicos sobre os conhecimentos pedagógicos. É importante, contudo, uma contínua reflexão sobre a sua atuação, buscando inovar, lutar e acreditar na efetivação de um trabalho colaborativo entre professores, pedagogos, coordenações de curso e direção. Sabemos, no entanto, que as atividades que o pedagogo exerce na escola nem sempre fazem parte de suas atribuições, conforme aparece no contexto das respostas dos pedagogos participantes da pesquisa.

A dificuldade que sinto é que no dia a dia escolar fica para o pedagogo resolver os problemas disciplinares, falta de professores, questões burocráticas e que vão tomando o nosso tempo e deixamos de trabalhar o pedagógico. (PP1)

Uma das dificuldades apresentadas pelos pedagogos da Educação Profissional refere-se a sua atuação com os professores, bacharéis/tecnólogos de formação, e com a coordenação de curso, sendo muitas vezes necessário administrar conflitos. Pois, segundo as respostas dos pedagogos entrevistados PP3 e PP4 observamos que:

Uma das dificuldades percebidas é conseguir fazer um trabalho efetivo com o professor do curso técnico desde que ele esteja aberto e queira essa aproximação com o pedagogo. (PP3)

E quando aparecem as dúvidas, consultam a coordenação de curso e só depois recorrem ao pedagogo, quando veem que não vão conseguir bons resultados no curso, no atendimento de alguns alunos, no sistema de avaliação que não está sendo suficiente, aí resolvem procurar ajuda e o pedagogo está ali para auxiliá-lo e orientá-lo no que for necessário. (PP4)

Dentre as respostas obtidas nas entrevistas, reforçamos o que Azzi (1999) menciona de que o professor, bacharel e iniciante, possui o conhecimento teórico e que falta o saber pedagógico, definido como um saber a ser construído no exercício da docência. Aí surge o papel do pedagogo enquanto articulador das questões didático-pedagógicas, discutindo e sugerindo metodologias e formas de trabalho diferenciadas, bem como, auxiliando na formação continuada e em serviço desse professor iniciante. Nas palavras de Bruno (2015, p. 35):

É no contexto escolar que o professor iniciante irá procurar superar suas dificuldades, elaborando, em conjunto com outros profissionais da escola, um projeto de formação em serviço que o ajude a transpor suas dificuldades, rompendo o individualismo e o isolamento.

Nesse contexto, verificamos a seguir como acontece a dicotomia entre conhecimento técnico x pedagógico.

1. Conhecimento técnico x pedagógico

O ensino profissionalizante está presente em 17% das escolas estaduais paranaenses (LUCIANO, 2013 – Jornal Gazeta do Povo) e todos os anos há procura por essa modalidade de ensino, devido as exigências do mercado de trabalho por profissionais qualificados. Para tanto, há vagas disponibilizadas para o suprimento de professores para essa modalidade de ensino por meio de contratos temporários, pois o último concurso público realizado para o provimento de vagas para professor da Educação Profissional foi o Edital nº 11/2007 – GS/SEED (PARANÁ, 2007). E infelizmente, constatamos nos relatos dos pedagogos PP2 e PP4 que para alguns professores do ensino profissionalizante considera-se a supremacia dos conhecimentos técnicos em detrimento aos pedagógicos:

Até porque, os professores por serem todos técnicos, bacharéis de formação, acabam procurando mais os coordenadores de curso do que os pedagogos, por não entenderem das questões de cunho pedagógico e até mesmo por não as valorizarem, achando que a escola é como chão de fábrica, basta determinar certos comandos que é dever dos alunos executá-los. Demonstrando não ter compreensão do processo ensino-aprendizagem. (PP2).

Os professores da educação profissional dominam o conteúdo, o assunto, mas não sabem trabalhar esses conteúdos com metodologias diferenciadas, não possuem didática, domínio de turma, falta conhecimento pedagógico. (PP4)

O pedagogo PP2 ao dizer que alguns professores bacharéis dos cursos técnicos comparam a escola com o chão de fábrica, demonstrando que os professores técnicos, sem formação pedagógica, não estabelecem relações entre o processo de ensino e aprendizagem, não compreendem a prática pedagógica como intencional, não veem a ação docente como crítica e reflexiva, não apresentam a visão do trabalho como princípio educativo. Enfim, dados que também foram constatados por Canesso (2016, p.36) ao mencionar a “transferência de saberes obtidos no chão de fábrica para a sala de aula”. Portanto, ressaltamos a importância da figura do pedagogo em acompanhar e oferecer subsídios a esses professores em sua prática docente, pois faltam-lhes os conhecimentos didáticos e pedagógicos.

Realmente é um ponto delicado quando também não há parceria entre a Coordenação de Curso e a Equipe Pedagógica. É preciso que haja o senso democrático na tomada de decisões e no pensar coletivamente o curso técnico e sobre seus estudantes. A instituição de ensino que visa oferecer um ensino comprometido e prioriza a emancipação humana, segundo Ferreira (2002, p. 25), percebe que o trabalho dos profissionais da educação deve estar voltado a um trabalho de gestão da educação, porque constitui-se num “compromisso político coletivo de tomada de decisões sobre a formação intelectual e moral de novas mentes humanas em todas as instâncias do trabalho educativo.” É preciso constantemente fortalecer esse entendimento de uma gestão democrática e participativa, de um trabalho conjunto, sem fragmentações, a favor de uma educação mais justa e igualitária (SAVIANI, 1989).

Infelizmente em algumas situações e em algumas instituições de ensino técnico pode ocorrer de forma equivocada a parceria ou simplesmente não acontecer como na fala a seguir:

Há uma supervalorização do coordenador técnico em detrimento do pedagogo, as questões técnicas se sobressaem em detrimento ao pedagógico. E o coordenador técnico tem pouco a contribuir com a prática pedagógica do professor essa é uma atribuição do pedagogo. (PP4)

Novamente a parceria entre a parte técnica, do Coordenador de Curso, e a parte pedagógica, do Professor Pedagogo, é mencionada de forma não adequada. Ambos os profissionais devem planejar ações para subsidiar os docentes em suas práticas pedagógicas, no que tange as discussões e elaboração dos PTDs, baseado nas ementas dos cursos técnicos, referente a metodologia, aos espaços a serem utilizados como os laboratórios, a biblioteca, os recursos materiais disponíveis, bem como, o sistema avaliativo adotado pela instituição de ensino e que consta nos documentos orientadores, Projeto Político- Pedagógico e o Regimento Escolar, que devem ser apresentados aos professores ingressantes de forma conjunta, sem supervalorização de um saber sobre o outro.

2. Perfil do professor iniciante na modalidade de Educação Profissional

Constatamos a partir dos dados que os professores dos cursos técnicos que lecionam nas dez (10) instituições de ensino que ofertam o ensino profissionalizante do município de Ponta Grossa/PR são em sua maioria bacharéis de formação. Conforme os relatos dos pedagogos, devido a rotatividade desses profissionais, muitos nem procuram fazer uma formação pedagógica, PARFOR - Plano Nacional de Formação de Professores da Educação Básica, ou por acharem desnecessário essa complementação. Vejamos:

Professores em sua maioria bacharéis e tecnólogos, poucos com formação pedagógica. Não possuem o costume de procurar a equipe pedagógica, por receio, acham que pegando as principais informações no início do ano e em algumas conversas já conseguem dar aula, porém ao terminar o semestre, talvez esse professor não esteja para dar sequência ao trabalho, ao andamento do curso, da disciplina e novamente entram novos professores com outras dificuldades relacionadas geralmente a parte burocrática como preencher o livro de chamada, o sistema de avaliação que para ele seria uma avaliação só e sem recuperação, enfim, sem seguir os documentos orientadores da escola. (PP2)

Para as autoras Almeida e Placco (2016, p. 77), “ensinar também exige aceitação do novo, com uma reflexão crítica sobre a prática, pensando no que se fez hoje e no que se pode ser melhorado para amanhã”.

O pedagogo, PP2, retoma a ideia de que os professores dos cursos profissionalizantes, em sua maioria, são bacharéis e tecnólogos, poucos com formação pedagógica, e que não possuem o costume de procurar o pedagogo, achando que poderão dar conta de lecionar apenas com as principais informações sobre a instituição de ensino e o curso técnico. Voltamos ao discutido anteriormente sobre a hierarquia dos conhecimentos técnicos em relação aos conhecimentos pedagógicos e à comparação da escola com o chão da fábrica. Demonstrando que possuem uma visão fragmentada e pragmática sobre a educação.

Os professores são bacharéis, técnicos, tecnólogos e possuem a visão de educação e de escola dele enquanto aluno e não uma visão enquanto profissional. Eles precisam entender que o papel deles é de formador. (PP1)

O professor iniciante começa na escola sem capacitação, sem conhecer a ementa do curso, os demais documentos orientadores da escola, simplesmente pega as aulas e já deve ir para a sala de aula com seus conhecimentos e experiências enquanto ex-aluno e profissional que já atua no mercado de trabalho, com suas lembranças de como foi ensinado, ou seja, de como aprendeu e agora vai repassar para esses alunos. (PP2)

Ao ser chamado para assumir as aulas no curso profissionalizante, o professor iniciante, precisa ter claro que irá enfrentar o desafio de que “é o momento da passagem do papel de aluno para o papel de professor, que, na maioria das vezes, ocorre com muitas incertezas e inseguranças.” (BRUNO, 2015, p. 33). Isso torna-se evidente nas descrições dos pedagogos, PP1 e PP2, referente ao perfil dos professores iniciantes na modalidade de Educação Profissional. Para tanto, os professores iniciantes na modalidade de Educação Profissional precisam aceitar a parceria do pedagogo, bem como, o pedagogo deve ter clareza dessa necessidade e dificuldade que o professor iniciante possui. O trabalho colaborativo irá contribuir com o curso e com os alunos que passarão a ter aulas mais contextualizadas, significativas e envolventes.

3. Rotatividade de profissionais e a descontinuidade do trabalho

Os contratos temporários, por meio de editais de PSS – Processo Seletivo Simplificado, representam a rotatividade de profissionais, em especial, na modalidade de Educação Profissional. Os relatos dos pedagogos entrevistados representam a dificuldade aparente nesse contexto:

A rotatividade dos professores na Educação Profissional e a não continuidade do trabalho, pois os professores iniciam em um semestre e não dão continuidade no semestre seguinte. A alternância no quadro docente da Educação Profissional dificulta, pois não há estabilidade, prosseguimento, não se consegue criar um vínculo com o estado, com a escola e com os alunos, enfim com o curso. (PP2)

É importante dar continuidade, acabar com a rotatividade de professores na Educação Profissional, isso iria contribuir e muito com a qualidade dos cursos técnicos. As parcerias seriam mais efetivas dentro da escola, seria possível dar continuidade ao trabalho docente e ver resultados mais satisfatórios nos cursos técnicos. (PP1)

A rotatividade dos professores, rever tudo junto a esse professor, orientar tudo novamente a cada início de semestre, receber o professor iniciante e repassar as informações rapidamente e no próximo semestre não há continuidade no trabalho com esse profissional, torna-se desgastante e um complicador no trabalho do pedagogo. (PP4)

É uma realidade da educação pública paranaense, em especial, na modalidade de Educação Profissional, a rotatividade de professores. Fatores que influenciam essa rotatividade segundo os entrevistados: alguns professores ficam um semestre na escola apenas, quando se trata dos cursos subsequentes, pois não conseguem aulas para o próximo semestre devido a redução da abertura de turmas ofertadas do curso técnico, no próximo edital lançado pela SEED/PR – Secretaria de Estado da Educação do Paraná podem pegar aulas em outra unidade, outros passam pelas salas de aula para substituir professores que estão de licença, outros não gostam da experiência em lecionar, quando se trata de bacharéis e tecnólogos, outros devido os baixos salários, falta de materiais didáticos e recursos nas instituições de ensino. A rotatividade está longe de ser positiva, pois o professor que fica apenas um semestre, conforme o relato do pedagogo PP4, com as turmas de curso técnico não cria vínculos com os alunos, com o curso, com a instituição de ensino, comprometendo o processo de ensino e aprendizagem e a continuidade do trabalho pedagógico e a construção da identidade enquanto docente. Para Sacristán (1995) a escola é o ambiente de formação dos professores, da profissionalidade e da constituição identitária desse profissional. E se há uma descontinuidade do trabalho docente devido à falta ou rotatividade de professores, isso passa a ser um fator agravante para a organização do trabalho pedagógico.

Considerações finais

Assim, o professor, licenciado ou bacharel, precisa mobilizar os saberes indispensáveis para constituir a sua prática. Por isso, torna-se importante que o professor tenha uma sólida formação inicial, no caso do professor licenciado. A constituição de saberes pedagógicos já se faz presente na sua formação, mas o professor bacharel, sem formação pedagógica, não possui tais saberes constituídos, porém ambos ao longo do exercício docente precisam de formação continuada e da formação em serviço. A figura do pedagogo como articulador das questões didático-pedagógicas no ambiente escolar, deve contribuir no processo ensino e aprendizagem de todos os segmentos de ensino, considerando o nosso campo de investigação, em particular, a Educação Profissional. O auxílio e o acompanhamento do pedagogo é essencial no desenvolvimento da prática pedagógica do professor iniciante na modalidade de Educação Profissional em sala de aula. O pedagogo discute metodologias, sugere formas diferenciadas de trabalho com os estudantes, enfim, colabora com a formação continuada e com a prática pedagógica do professor. É comum na prática pedagógica dos professores iniciantes na modalidade de Educação Profissional que a prática se sobreponha a teoria; que os saberes técnicos sejam colocados hierarquicamente em relação aos saberes pedagógicos, com destaque ao conhecimento advindo da experiência profissional, muitas vezes do chão da fábrica, porém o pedagogo precisa através de uma ação mediadora presente nos momentos de formação continuada e em serviço realizar essa intervenção junto ao professor iniciante.

O professor iniciante e bacharel precisa compreender e reconhecer que no exercício da docência é preciso articular todos esses saberes anteriormente mencionados por Tardif (2002) e, que portanto, não basta apenas a transmissão de conhecimentos científicos, mas a apropriação e valorização dos saberes pedagógicos necessários à prática docente na Educação Profissional. Portanto, se faz necessário que os professores bacharéis ou tecnólogos tenham formação pedagógica para lecionar. Bem como, possam contar com auxílio do pedagogo enquanto "articulador das ações, como formador dos educadores e, portanto, como transformador das condições de ensino e aprendizagem." (ALMEIDA; PLACCO, 2012, p.19). A complementação de cunho formativo irá possibilitar práticas comprometidas e inovadoras em sala de aula, práticas significativas que mantenham o aluno motivado para permanecer no curso profissionalizante.

Atualmente, no Estado do Paraná, verificamos que a modalidade de Educação Profissional continua a ser ofertada nas instituições públicas estaduais de maneira integrada e subsequente ao Ensino Médio. A SEED/PR realizou concursos públicos nos anos de 2004 e 2007 para o suprimento de professores da área técnica. Conforme o último Edital nº 11/2007 – GS/SEED (PARANÁ, 2007) do Concurso Público realizado para o provimento de vagas no cargo de Professor, do Quadro Próprio do Magistério, nas Áreas/sub-áreas, da formação específica dos cursos da Educação Profissional, em nível médio, verifica-se que a exigência de escolaridade foi a de graduação em nível superior de acordo com a habilitação e consta no edital, que todos os professores que não tivessem a formação pedagógica, teriam que fazê-la até o término do estágio probatório.

Nesse contexto apresentado, já se passaram dez anos sem concurso público para a contratação de profissionais para o exercício da docência na modalidade de Educação Profissional. Anualmente é realizado apenas o PSS e de acordo com o Edital nº 58/2016 GS/SEED (PARANÁ, 2016) visando contratações temporárias para o ano de 2017 para exercer as funções de professor, consta que para ministrar as disciplinas dos cursos técnicos da Educação Profissional exige-se Curso Superior completo ou em andamento, com graduação ou habilitação no eixo tecnológico e área de inscrição.

Os contratos temporários representam uma rotatividade de profissionais, sendo esses graduados ou acadêmicos, a descontinuidade com o compromisso da docência, a instabilidade e vários outros fatores como: a inexperiência em sala de aula, desconhecimento dos saberes pedagógicos e da organização do próprio sistema de ensino, relacionados ao Planejamento e sua organização através do Plano de Trabalho Docente, preenchimento do Livro de Registro de Classe, sistema avaliativo, relação teoria e prática, relacionamento professor e aluno, as dificuldades de aprendizagem dos estudantes, a diversidade escolar, esclarecimento dos documentos norteadores de cada instituição de ensino, o Projeto Político- Pedagógico e o Regimento Escolar. Enfim, impasses que vão surgindo ao longo do processo ensino e aprendizagem e que necessitam de um mediador, o pedagogo, para auxiliar o professor, seja iniciante ou experiente. O fato desses professores serem muitas vezes bacharéis e não terem formação pedagógica, ao se depararem frente a tantas novidades e informações no início da carreira docente, pode se caracterizar como um choque com o real, segundo Huberman (1995).

Diante desta afirmativa, verifica-se que a escola deverá propor situações que possibilitem a troca de saberes entre os professores, pedagogos através de uma reflexão conjunta sobre a prática pedagógica. Neste sentido, a estratégia: ação, intenção e a mudança, é apontada como um fundamento necessário para o estudo e a compreensão da prática docente, devendo ser dirigida no cotidiano escolar como um importante elemento articulador entre teoria e prática, entre a pesquisa e o ensino, entre a reflexão e a ação.

O pedagogo que atua na modalidade de Educação Profissional, assume um papel de suma importância na articulação das práticas pedagógicas significativas, junto aos professores iniciantes, fornecendo subsídios e apoio a esses docentes, devendo conhecer as especificidades desta modalidade de ensino, para que possa desenvolver ações que valorizem os conhecimentos e as experiências dos professores, suas realidades sociais e culturais.

Referências

ALMEIDA, L. R. de.; PLACCO, V. M. N. de S. (Orgs). **O Coordenador Pedagógico e questões da contemporaneidade** 6. ed. São Paulo: Loyola, 2012.

_____. **O Coordenador Pedagógico e o trabalho colaborativo na escola** São Paulo: Loyola, 2016.

AZZI, S. Trabalho docente: autonomia didática e construção do saber pedagógico. In: PIMENTA, S. G. (Coord.) **Saberes pedagógicos e atividade docente**. São Paulo: Cortez, 1999.

BRASIL. Lei n.º 9.394, de 20 de dezembro de 1996. Estabelece as diretrizes e bases da educação nacional **Diário Oficial [da] República Federativa do Brasil** Brasília, DF, 23 dez. 1996. Disponível em: < http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/leis/L9394.htm> Acesso em: 05 maio 2017.

BRUNO, E. B. G. (et al). **O Coordenador Pedagógico e a formação docente** 13. ed. São Paulo: Loyola, 2015.

CANESSO, R. C. de C. **A permanência escolar e a prática pedagógica de sala de aula na Educação Profissional** 2016. 180f. Dissertação (Mestrado em

Educação Tecnológica). Centro Federal de Educação Tecnológica de Minas Gerais, Belo Horizonte, 2016. Disponível em: <<http://www.posgraduacao.cefetmg.br/dppg/index.php/pt/programas-stricto-sensu>>. Acesso em: 06 set 2017.

CUNHA, A. C. **Ser professor**: bases de uma sistematização teórica. Chapecó: Argos, 2015.

FERREIRA, N. S. C. (Org). **Supervisão educacional para uma escola de qualidade**: da formação à ação. 3. ed. São Paulo: Cortez, 2002.

GARCIA, C. M. **Formação de professores**: para uma mudança educativa. Portugal: Porto Editora, 1999.

HUBERMAN, M. O ciclo de vida profissional dos professores. In: NÓVOA, A. (Org). **Vidas de professores**. 2. ed. Portugal: Porto, 1995.

LUCIANO, A. Oferta de ensino técnico profissional no Paraná dobra em quatro anos: desafio para expansão do sistema é o alto índice de evasão, que chega a 50% em alguns dos cursos. Falta de professores também ameaça o aproveitamento. **Gazeta do Povo**, Curitiba, 13 out. 2013. Disponível em: <http://www.gazetadopovo.com.br/vida-e-cidadania/oferta-de-ensino-tecnico-profissional-no-parana-dobra-em-quatro-anos-44v5fakh9s23yah8uhalz29fy>. Acesso em: 06 out 2017.

PARANÁ. Lei Complementar nº 103, de 15 de março de 2004. Institui e dispõe sobre o Plano de Carreira do Professor da Rede Estadual de Educação Básica do Paraná e adota outras providências. **Diário Oficial do Estado** nº. **6687**, Curitiba, 15 de Março de 2004. Disponível em: <<http://www.legislacao.pr.gov.br/legislacao/pesquisarAto.do?action=exibir&codAto=7470&codItemAto=63745>> Acesso em 30 maio 2017.

_____. Secretaria de Estado da Educação – SEED. **Edital nº 11/2007** – GS/SEED. Disponível em: <http://www.seed.pr.gov.br>. Acesso em: 21 jul. 2017.

_____. Secretaria de Estado da Educação – SEED. **Edital nº 58/2016** – GS/SEED. Disponível em: www.educacao.pr.gov.br/arquivos/File/editais/2016/edital58_2016gsseed.pdf. Acesso em: 21 jul. 2017.

SACRISTÁN, J. G. **Poderes instáveis em educação**. Porto Alegre: Artmed, 1999.

_____. Consciência e ação sobre a prática como libertação profissional dos professores. In: NÓVOA, A. (Org). **Profissão professor**. 2. ed. Portugal: Porto, 1995.

SAVIANI, D. **Escola e Democracia**. 21. ed. São Paulo: Autores Associados, 1989.

_____. A supervisão educacional em perspectiva histórica: da função à profissão pela mediação da ideia. In: FERREIRA, N. S. C. (Org) **Supervisão educacional para uma escola de qualidade**: da formação à ação. 3. ed. São Paulo: Cortez, 2002.

TARDIF, M. **Saberes docentes e formação profissional**. Petrópolis: Vozes, 2002.